

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 12 | Nº 36 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7486124>



RUY FAUSTO E A RECONSTRUÇÃO IMPROVÁVEL DA ESQUERDA

André Silva de Oliveira¹

Celso Antônio Coelho Vaz²

Resumo

O filósofo Ruy Fausto, vinculado claramente ao campo da esquerda, polemizou nas páginas da revista Piauí com o economista liberal Samuel Pessoa sobre os rumos da esquerda brasileira oferecendo críticas – as “anomalias da esquerda” – que visavam contribuir para a sua reconstrução ao mesmo tempo em que procurou refutar os argumentos do seu oponente. Os argumentos utilizados por Ruy Fausto no referido debate foram depois condensados no livro *Caminhos da Esquerda: Elementos para uma reconstrução*, publicado pouco antes de sua morte, e alvo de análise no presente paper com especial foco nas suas propostas para reconectar a esquerda brasileira com a respectiva tradição política. Importa para o Pensamento Político Brasileiro, como disciplina, escrutinar o conteúdo das propostas de Fausto e, sobretudo, as razões pelas quais não foram capazes de mobilizar a esquerda. A principal conclusão é a de que este fato não as invalida, mas sugerem que o tempo da sua aceitação talvez ainda não tenha chegado.

Palavras chave: Anomalias; Esquerda; Reconstrução.

Abstract

Fausto, clearly linked to the left field, argued in the pages of the Piauí magazine with the liberal economist Samuel Pessoa about the directions of the Brazilian left, offering criticisms - the "anomalies of the left" - that aimed to contribute to its reconstruction at the same time in which he sought to refute his opponent's arguments. The arguments used by Ruy Fausto in that debate were later condensed in the book *Ways of Left: Elements for one reconstruction*, published shortly before his death, and the subject of analysis in this paper with a special focus on his proposals to reconnect the Brazilian left with the respective political tradition. It is important for Brazilian Political Thought, as a discipline, to scrutinize the content of Faust's proposals and, above all, the reasons why they were not able to mobilize the left. The main conclusion is that this fact does not invalidate them but suggests that the time for their acceptance has perhaps not yet come.

Keywords: Anomalies; Left; Reconstruction.

INTRODUÇÃO

Embora tenha sido alvejada pelos escândalos do chamado Mensalão e, depois, Petrolão, além de ter a presidente Dilma Rousseff afastada em 2016 por *impeachment*, a esquerda brasileira, notadamente o PT, não passou por um processo substantivo de autocritica sobre tais eventos culminando com a perda da eleição de 2018. O filósofo Ruy Fausto foi uma das raras vozes que, na arena pública, propôs um projeto para reconstrução da esquerda, indo da indicação das anomalias de que seria portadora a um esboço de programa de governo.

Claro está que, embora tenha falecido em maio de 2020, Ruy Fausto não viveu o suficiente para acompanhar como a Operação Lava Jato passou por um processo de refluxo, tendo várias de suas

¹ Graduado em Direito. Mestre e doutor em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: portocalle62@gmail.com

² Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Ciência Política pela École des Hautes Études em Sciences Sociales. E-mail: vaz@ufpa.br



decisões anuladas pelo Supremo Tribunal Federal (STF), sobretudo as que haviam alcançado o ex-presidente Lula, principal líder da esquerda brasileira. Ruy Fausto também não chegou a observar a derrota eleitoral do presidente norte-americano Donald Trump cuja visão política é mimetizada pelo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, já que ambos integram o mesmo movimento ultraconservador. Tais eventos não afetam, contudo, a extensão da crítica de Fausto porquanto se estende muito além da factualidade do jogo político, abarcando uma análise teórica consistente calcada na trajetória da esquerda mundial, não só brasileira, ao longo da história.

Fausto se apoiou fundamentalmente na teoria marxista, mas com a pretensão de superá-la em alguns aspectos, adaptando-a, por assim dizer, para o tempo presente quando a globalização se tornou hegemônica e a ameaça de movimentos autoritários se tornou latente ao redor do planeta com governos como, por exemplo, o de Viktor Orbán na Hungria e Recep Erdogan na Turquia. De outro lado, Fausto percebeu, com evidente acerto, que havia uma nova realidade política mundial com ameaças concretas à chamada democracia representativa do tipo liberal e, corajosamente, incluiu em sua crítica governos populistas autoritários inclinados à esquerda como o da Venezuela bolivariana.

O presente artigo se concentra, sobretudo, na polêmica travada entre Ruy Fausto e o economista liberal Samuel Pêssoa e, muito especialmente, no conteúdo do livro *Caminhos da Esquerda – Elementos para uma reconstrução* no qual o filósofo paulista realiza a crítica dos (des)caminhos da esquerda brasileira, bem como delineia o seu projeto de reconstrução para o campo político que reconheceu integrar. O escopo do artigo consiste, portanto, em escrutinar a análise crítica e propostas de Ruy Fausto para a esquerda, confrontando a validade de suas ideias com a experiência histórica desde o fim da Guerra Fria e, ainda, o referencial teórico decorrente da literatura institucionalista. Ao buscar o confronto teórico com Samuel Pêssoa, Fausto sinalizou que, como intelectual honesto, desejava que suas ideias fossem submetidas ao escrutínio público, inclusive do campo liberal.

O artigo sintetiza os pontos principais das ideias de Fausto para, em seguida, analisar criticamente as chamadas “anomalias da esquerda”, a consistência da avaliação que endereça à democracia liberal-capitalista, bem como o programa que propõe para a reconstrução da esquerda. A conclusão principal é que, embora contenha inconsistências ou fragilidades teóricas perceptíveis, as ideias e propostas de Fausto são relevantes, mas não reverberaram no campo da esquerda. Este fato não as invalida, porém, sugerem que o tempo de sua aceitação talvez ainda tenha chegado.

PONTO DE PARTIDA: A IDEIA DE RECONSTRUIR A ESQUERDA E A POLEMICA COM SAMUEL PESSOA

Em outubro de 2016, a revista Piauí nº 121 publicou um artigo adensado do filósofo Ruy Fausto intitulado *Reconstruir a esquerda* que foi alvo de crítica do economista liberal Samuel Pêssoa no âmbito



da própria revista (Piauí nº 123/dezembro/2016), iniciando-se então um debate público que se estendeu com réplica e tréplica entre ambos (Piauí nº 125/fevereiro/2017 e Piauí nº 126/março/2017)). Depois, Fausto publicaria ainda o livro *Caminhos da Esquerda – elementos para uma reconstrução* (2017) contendo o alargamento dos argumentos usados na polêmica com o economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), bem como esmiuçando as críticas feitas à esquerda ao mesmo tempo em que propôs um programa para a sua reconstrução. Pode-se gostar ou não das ideias de Fausto, mas deve-se reconhecer que não lhe faltou coragem nem tampouco a vocação de autêntico polemista que se posiciona na arena pública para defender as posições políticas que entende como corretas.

No artigo *Reconstruir a esquerda* (2016, p. 42-58), Fausto, usando uma metáfora, pontua inicialmente que “a condição atual da esquerda é a de um homem perdido na floresta: é preciso encontrar uma saída”, porém, não partindo de “um marco zero”. Reclama a necessidade de priorizar “a crítica dos nossos erros e das nossas ilusões” (FAUSTO: 2016, p. 42). O problema principal – depois, mais bem estruturado no livro *Caminhos da Esquerda* – residiria no fato de que “a esquerda paga um preço muito alto pelas figuras aberrantes que se apresentam e continuam a se apresentar como encarnações dela” (FAUSTO: 2016, p. 42). Nesse sentido e a despeito de sua luta em favor de “maior justiça social”, a esquerda padeceria de “um certo número de doenças que, se não chegaram a matá-la, tampouco foram plenamente curadas” (FAUSTO: 2016, p. 42). As “patologias” ou “anomalias”¹ que afetariam a atuação da esquerda são o totalitarismo, o adesismo e o populismo.

No mesmo artigo, Fausto aduz ainda ao “ataque da direita” à esquerda, ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e, por fim, a “um programa” destinado a pavimentar o caminho de reconstrução da esquerda. Em síntese apertada, Fausto (2016, p. 58) conclui classificando o projeto marxista como “o ideal de uma sociedade transparente, com a abolição do Estado e da propriedade privada”.

Esse projeto, corporificado pelo comunismo, passaria a ser considerado “utópico” sendo substituído por um projeto cujo escopo consiste em “conservar o dinheiro e alguma forma de mercado, mais o Estado e a propriedade privada, ainda que não de todo tipo de bens” (FAUSTO, 2016, p. 58).

Em resposta a esse artigo de Fausto, o economista Samuel Pêsoa publicou na revista Piauí nº 123 o artigo intitulado *A armadilha em que a esquerda se meteu* (2016: 38-42). Nele, Pêsoa (2016, p. 38) acusa Fausto de recair “na mesma dificuldade em que, voluntariamente, a maior parte esquerda tem se lançado nos últimos vinte anos” – a demonização do governo Fernando Henrique Cardoso e consequente incapacidade de avaliar corretamente a experiência social-democrata daquele período. Fausto (2017a, p. 56-61) contestou a Pêsoa com o artigo *Ainda a Esquerda*. Nele, Fausto (2017a, p. 61) sustenta que a esquerda se deixou seduzir muitas vezes “pelo canto das sereias castristas ou chavistas”.



No artigo mencionado, Fausto classifica as aberrações como “patologias”, mas no livro *Caminhos da Esquerda* passa a nominá-las como “anomalias”, um termo certamente mais adequado para o contexto da discussão acadêmica.

Conclui afirmando que o impasse da esquerda brasileira é o mesmo da esquerda europeia, ou seja, substituir “o populismo pelo reformismo-adesista” (FAUSTO, 2017, p. 61). Na edição seguinte da *Revista Piauí*, Pêsoa (2017, p. 38-43) respondeu a Fausto. Ao sintetizar seus argumentos, afirmou que “o melhor que podemos ter no Brasil, em matéria econômica e social, é a receita de ‘adesismo’ promovida com sucesso sob Fernando Henrique Cardoso e também sob Lula, em seu primeiro mandato” (PESSOA: 2017, p. 43).

AS ANOMALIAS DA ESQUERDA SEGUNDO RUY FAUSTO

Fausto (2017b) identifica e nomina três anomalias de que a esquerda mundial, em especial a latino-americana, seria portadora hoje e que a colocariam fora da sua própria trajetória democrática historicamente construída. As anomalias seriam o neototalitarismo, o reformismo adesista e o populismo.

Sobre a primeira anomalia, Fausto (2017b, p. 18-25) associa os projetos totalitários à esquerda, inclusive o leninismo e o castrismo – e critica, por exemplo, o esloveno Zizek chamando-o de “teórico neototalitário”. Enquanto a Europa teria avançado na crítica ao totalitarismo dentro da esquerda, o PT albergaria “parte do núcleo pró-castrista no Brasil” (FAUSTO, 2017b, p. 22)”. Por seu turno, Fausto (2017b, p. 22) argumenta que “há gente no PSOL que admira profundamente e critica só de modo superficial a ditadura castrista”, além abrigar simpatizantes de “um movimento tão abertamente antissemita como o Hamas”. Fausto (2017b, p. 26) lembra que a esquerda sempre representou uma forma de ruptura com o capitalismo e com todas as formas de opressão e conclui reclamando por “uma plena e absoluta superação crítica do interregno totalitário”.

Quanto à segunda anomalia, Fausto (2017b, p. 26-27) pondera que o reformismo adesista significa render-se ao liberalismo econômico do thatcherismo. Tal movimento teria ocorrido no Brasil por meio do “cardosismo”, ou seja, “a tendência política que se articulou em torno do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso”. Fausto (2017b, p. 28) refuta a ideia de que o liberalismo econômico de raiz thatcheriana representaria alternativa definitiva ao que classificou de “socialismo de caserna”, uma conclusão que reputou como “apressada”.

Por fim, o populismo é enfocado como uma anomalia da esquerda. Fausto (2017b, p. 29) sugere acertadamente que o populismo se trata de um conceito polissêmico, mas classifica-o como portador de



“uma liderança carismática autoritária, uma política que une, pelo menos na aparência, interesses de classes mais ou menos antagônicos, e certo laxismo na administração da riqueza pública”. Faltaria ao PT “o elemento autoritário”, mas haveria carisma e, sobretudo, “laxismo – é o mínimo que se poderia dizer – nas suas práticas administrativas” (FAUSTO, 2017b, p. 30). Fausto considera como dada a ocorrência de laxismo (ou corrupção) nas gestões do PT e rechaça o argumento de que políticas redistributivistas contrabalançariam o advento dessa anomalia. O resultado é que “a esquerda em geral saiu desmoralizada, enquanto a direita, incluindo a extrema direita, levantou a cabeça” (FAUSTO, 2017b, p. 31). Ao concluir, o filósofo uspiano centra fogo na posição defendida então por Marilena Chauí segundo a qual realizar a autocrítica dos erros praticados “era coisa de política totalitária” para sustentar que “autocrítica bem exposta não enfraquece, mas fortalece a luta emancipatória” (FAUSTO, 2017b, p. 35).

A AGENDA PARA A RECONSTRUÇÃO DA ESQUERDA

Coerentemente, Fausto (2017b, p. 39) não se limitou a criticar os erros da esquerda decorrentes das anomalias que apontou, mas se preocupou também em apresentar um esboço de agenda – ou “um programa intransigentemente democrático” – para a sua reconstrução. A demonização da democracia representativa é condenada ao mesmo tempo em que especula sobre a asserção de que “formas de democracia direta ou participativa podem ser introduzidas”, de modo a representar “um progresso” (FAUSTO: 2017b, p. 40). No campo econômico, “é o grande capital que se tem em mira” e caberia à esquerda buscar “a neutralização do capital, tanto extensiva quanto intensivamente (ele não pode entrar em qualquer lugar e o seu peso tem de ser limitado)” (FAUSTO, 2017b, p. 41).

Fausto (2017b, p. 41) pede ainda “a erradicação absoluta” da corrupção, um projeto notoriamente ambicioso, talvez hiperbólico, mas certamente formulado em razão dos impactos dos escândalos de corrupção que atingiram os governos do PT. Por fim, mas não menos importante, reclama que, ao lado das exigências democráticas, anticapitalistas e condizentes com uma “governança sem corrupção”, a esquerda adote um programa ecológico (FAUSTO, 2017b, p. 41).

PORQUE AS CRÍTICAS NÃO REVERBERARAM NA ESQUERDA

Todo o esforço empreendido por Fausto para provocar uma discussão no campo da esquerda visando sua reconstrução parece não ter reverberado como pretendia. Não houve, por exemplo, a autocrítica pública pelo eventual laxismo no manejo da gestão pública e negociação com os aliados para a formação da coalizão governamental durante os governos do PT. Fausto ficaria certamente surpreso



com os rumos que resultaram no recuo da Operação Lava Jato e que permitiu a reabilitação política de Lula, principal liderança da esquerda brasileira, sem que houvesse qualquer autocrítica pelos potenciais erros do passado. Em lugar de autocrítica, a negação das acusações de laxismo prevaleceu e, considerando o que defendeu, é válido inferir que Fausto veria essa atitude como indelevelmente marcada por certo viés autoritário, uma vez que a esquerda recusa a discussão livre e franca sobre o tema.

No mesmo passo, vendo que a esquerda até aqui não condenou, por exemplo, o regime castrista, Fausto certamente apontaria a falta de avanço na visão democrática da esquerda. Os argumentos de Fausto sugerem que ele entendia que a esquerda deveria aceitar as regras do jogo da democracia representativa do tipo liberal não como uma capitulação, mas acreditando que suas instituições políticas poderiam ser esgarçadas ou expandidas para torná-las mais democráticas, mais participativas e, portanto, menos fechadas e/ou elitistas. A nosso juízo, talvez esta tenha sido a maior contribuição de Fausto ao debate que propôs – a esquerda brasileira parece ter um comportamento ambíguo em relação à aceitação inequívoca das regras do jogo, embora não tenha cruzado a linha rumo ao autoritarismo nos governos do PT.

Todavia, cabe ponderar que historicamente a esquerda brasileira sempre ostentou uma posição ambígua em relação às instituições políticas da democracia liberal instituições econômicas do livre mercado moldadas pela primeira. A ideia central que subjaz à trajetória da esquerda brasileira consistiu na superação das instituições da democracia liberal em favor de concepções vinculadas à democracia participativa e/ou democracia socialista. Tome-se, por exemplo, como referência a contribuição relevante de Carlos Nelson Coutinho ao debate sobre o vínculo entre socialismo e democracia. No icônico artigo *A democracia como valor universal*, de 1979, Coutinho, escorando-se em discurso de Enrico Berlinguer, líder do então chamado eurocomunismo, ressaltou que a democracia política de raiz burguesa podia ser usada pelas classes trabalhadoras para se chegar à democracia socialista, estabelecendo, assim, uma hegemonia classista. O pluralismo decorrente da democracia socialista seria de outro tipo:

A democracia socialista é, assim, uma democracia pluralista de massas, mas uma democracia organizada na qual a hegemonia deve caber ao conjunto dos trabalhadores representados através da pluralidade dos seus organismos (partidos, sindicatos, comitês de empresa, comunidades de base, etc.) (COUTINHO, 1979, p. 40).

Na concepção de Coutinho (1979, p. 40), portanto, não haveria propriamente uma aceitação inequívoca das regras do jogo da democracia liberal, mas a luta para a absorção do Estado liberal “pelos



organismos autogeridos da ‘sociedade civil’”. No estágio final do processo político evolutivo, a democracia liberal seria superada dialeticamente pela democracia socialista:

a relação da democracia socialista com a democracia liberal é uma relação de superação dialética (*Aufhebung*): a primeira *elimina, conserva e eleva a nível superior* as conquistas da segunda. (COUTINHO: 1979, p. 40) (destaque do autor).

Obviamente, o pensamento de Coutinho precisa ser escrutinado considerando o contexto em que foi enunciado, ou seja, o âmbito da Guerra Fria no qual o comunismo soviético já revelara a sua natureza totalitária – Fausto o chamou de “socialismo de caserna”.

No campo estritamente econômico, as posições defendidas por Fausto soam, para dizer o mínimo, como insuficientes e/ou incoerentes. Em lugar de pregar o controle democrático sobre o poder econômico avassalador ou abusivo, Fausto sustentou, de modo completamente vago, a limitação do “grande capital”. Não apontou, todavia, quais seriam os limites impostos ao grande capital, uma questão complexa no mundo de economia globalizada e com corporações cada vez mais agigantadas. Leonardo Brito (2019, p. 323) pondera, por exemplo, que a proposta de reconstrução para a esquerda de Fausto “demanda o tratamento mais aprofundado da crítica do capitalismo e de suas formas políticas contemporâneas, tema infelizmente deixado de lado por Fausto no livro”. De fato, a própria ideia de repudiar a anomalia do adesismo reformista e, ao mesmo tempo, propor respeito à propriedade privada e ao livre mercado, embora com limitações, precisaria ser, de qualquer modo, mais bem detalhada.

Por fim, Fausto foi evidentemente feliz em propor a adoção de uma agenda ecológica pela esquerda, tema que tem sido negligenciado por todos os partidos do espectro político brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas que Ruy Fausto endereça à esquerda brasileira em face da democracia representativa não envolvem as ferramentas fornecidas pelas teorias institucionalistas que veem a competição partidária, a separação dos ramos de poder, etc., como as regras do jogo democrático, essenciais para o equilíbrio do sistema político. Fausto recorre antes ao instrumental marxista, embora de forma atenuada e/ou flexibilizada segundo sua própria atualização singular daquela teoria. Essa opção metodológica está, decerto, no centro das divergências travadas com o economista Samuel Pêsoa cuja posição se apoia majoritariamente nas teorias institucionalistas.

De qualquer forma, Fausto fez um apelo eloquente e corajoso à esquerda brasileira pedindo-lhe que abandone o apego a certo legado autoritário como, por exemplo, o apoio ao castrismo. Manter-se nesse caminho, arguiu Fausto, somente resultará no fortalecimento da direita, uma inferência difícil de



ser refutada. Talvez o filósofo uspiano não tenha se dado conta do valor simbólico que representa para a esquerda apoiar um regime que, embora possua clara natureza neototalitária, ainda significa um modelo de rebeldia anticapitalista com potencial de mobilização. Dito de outro modo, Fausto não parece ter percebido que um profundo sentimento antiamericano impulsiona a esquerda brasileira (e latino-americana) na direção de regimes autoritários que desafiam Washington e *Wall Street*.

Algumas questões relevantes remanescem como lacunas quando se escrutina as proposições de Fausto. Se, por exemplo, os regimes de economia totalmente planejada e com controle político absoluto não são mais admitidos pela esquerda, então caberia dizer minimamente quais limites devem ser impostos ao grande capital a fim de que o sistema político se torne mais democrático. Do mesmo modo, restou explicar melhor como aderir às regras do jogo sem caracterizar capitulação à anomalia do “reformismo adesista”.

O silêncio da esquerda brasileira em face das críticas de Fausto sugere que ela ainda não está pronta para discutir os limites da própria atuação nos marcos da democracia representativa do tipo liberal. Em seu imaginário, talvez aspire substituir as instituições forjadas pelo liberalismo constitucional por um modelo escorado na democracia direta e/ou participativa. É uma discussão intrincada que, cedo ou tarde, terá que ser feita e para a qual o filósofo Ruy Fausto contribuiu de forma decisiva e relevante.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. “A proposta política de Ruy Fausto”. **Temáticas**, vol. 27, n. 53, 2019.

COUTINHO, C. N. “A democracia como valor universal”. In: SILVEIRA, E. (org.). **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

FAUSTO, R. “Reconstruir a esquerda”. **Revista Piauí**, n. 121, 2016.

FAUSTO, R. “Ainda a Esquerda – Resposta ao economista Samuel Pêsoa”. **Revista Piauí** n. 125, 2017a.

FAUSTO, R. **Caminhos da Esquerda: Elementos para uma reconstrução**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017b.

PESSOA, S. “A armadilha em que a esquerda se meteu”. **Revista Piauí**, n. 123, 2016.

PESSOA, S. “Utopia e Pragmatismo – Uma resposta a Ruy Castro”. **Revista Piauí**, n. 126, 2017.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 12 | Nº 36 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima